Congressistas, bem-vindos

quero

LUIZ ADOLFO PINHEIRO
JORNAL DE BRASÍLIA

- 5 FEV 1995

O novo Congresso Nacional instalou-se no dia 1º, com 513 deputados e 81 senadores, mas “novo” mesmo ele não chega a ser. Vários deputados foram eleitos senadores, muitos deputados foram reeleitos e políticos veteranos, que já foram um dia deputado, ou senador, ou governador, ou tudo isso, ganharam assento no Legislativo recém-instalado. Na verdade, a renovação real não alcança os 30%. Ou seja: de cada quatro congressistas, só um é realmente marinheiro de primeira viagem no Parlamento federal. E mesmo entre esses ainda há diversos que vieram de Assembléias Legislativas, da Câmara do DF e até de Câmaras de Vereadores.

De qualquer forma, há uma coincidência entre Congresso novo e Governo novo num país que tem o culto da novidade e que, se pudesse, varreria do mapa tudo o que é “velho” — exceto, naturalmente, os simpáticos velhinhos dos Rolling Stones. E como tudo que é novo, ou renovado, é justo esperar-se no Legislativo ora empossado o surgimento de autênticas vocações polí-

ticas, de bons debatedores de idéias e de segundos autores de iniciativas de leis — geralmente os mais tímidos e menos dados ao estrelismo da imprensa e da televisão.

Com 25 anos de Brasília, tendo conhecido sete legislaturas — a oitava com esta — acumulei algumas observações sobre o Poder Legislativo que, num raciocínio em voz alta, poderiam ser úteis aos recém-chegados. A primeira delas é que o Congresso foi o único dos Três Poderes da República que levou na cabeça com a mudança da capital para Brasília. O Executivo e o Judiciário ganharam o paraíso de paz e de tranqüilidade que precisavam — e precisam — para exercer suas funções. Mas o Legislativo, ao deixar o burburinho da praça XV de Novembro, no Rio de Janeiro, isolou-se da opinião pública — e foi muito mais fácil editar Atos Institucionais, cassar mandatos e colocá-lo em recesso aqui do que no Rio. O ideal teria sido que o Congresso tivesse conservado o Palácio Tiradentes, ali fazendo pelo menos duas sessões anuais. E mais: todas as CPIs da Câmara deveriam ter fun-

cionado no Rio. Os resultados teriam sido extraordinários.

A segunda observação é que nem o Congresso de ontem e nem o de hoje ainda conseguiu um modo de funcionamento que lhe permitisse tirar todo o rendimento de seu próprio trabalho. Há uma duplicidade de funções e paralelismos e suerposições da Câmara e do Senado que tornam o trabalho do parlamentar uma verdadeira maratona — não raras vezes improdutiva. E mais: os dois plenários são os únicos do mundo que funcionam em todos os dias úteis da semana — sem falar nas numerosas e dispensáveis reuniões conjuntas das duas Casas.

Muitas seriam as observações, mas curtos o espaço e a paciência do leitor. O melhor é dar as boas vindas aos novos congressistas e confiar em que estejam à altura das tarefas legislativas de um grande País que se prepara para o século XXI — que tem tudo para ser o século do Brasil. E com a ajuda do Legislativo.

■ Luiz Adolfo Pinheiro é editor interino do Decálogo